

# CARTOGRAFIA COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA INVESTIGAÇÃO DE DOCUMENTOS EDUCACIONAIS

Rosanna Maria Araújo Andrade Silva\*

Carolina Rodrigues de Souza\*\*

**RESUMO:** No presente trabalho propomos um referencial teórico-metodológico orientado pelo conceito de *cartografia*. Este conceito foi desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs*. Pretendemos mostrar que o referencial pode ser utilizado para a investigação de documentos educacionais diversos, tais quais os materiais que Christian Laval analisou em *A escola não é uma empresa*. Mostraremos que tais documentos operam a partir de um princípio normativo denominado *accountability*, e que seu funcionamento é arborescente. Assim, é possível projetar seus decalques sobre um mapa, ou seja, é possível cartografar os documentos.

**PALAVRAS-CHAVES:** cartografia, documentos educacionais, *accountability*, escola neoliberal.

## CARTOGRAPHY AS A THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFERENCE FOR THE INVESTIGATION OF EDUCATIONAL DOCUMENTS

**Abstract:** In this study, we propose a theoretical-methodological reference guided by the concept of *cartography*. This concept was developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari in *Mille Plateaux*. We intend to show that these references can be used for the investigation of various educational documents, such as the materials that Christian Laval analyzed in *L'École n'est pas une entreprise*. We will show that such documents operate from a normative principle called *accountability*, and that their functioning is arborescent. Thus, it is possible to project their decals on a map, that is, it is possible to cartograph the documents. The documents' arborescent characteristics make their projection on a map possible, that is, it makes cartography possible.

**KEYWORDS:** cartography, educational documents, accountability, neoliberal school.

---

\* Licenciada em Ciências Exatas pela Universidade de São Paulo, mestranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos. Email: [rosanna.silva@alumni.usp.br](mailto:rosanna.silva@alumni.usp.br); Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7624-355X>

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, com co-tutela na École Normale Supérieure de Cachan. Docente na Universidade Federal de São Carlos, no Departamento de Metodologia de Ensino. Email: [carolinasouza@ufscar.br](mailto:carolinasouza@ufscar.br); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7826-1011>

## Introdução

No presente artigo, apresentaremos uma proposta teórico-metodológica para investigação de documentos educacionais inspirada pelas reflexões de Christian Laval e Gilles Deleuze (incluindo seus trabalhos com Guattari). Em *Mil platôs* o empreendimento da *cartografia* realizado por Deleuze e Guattari levou-os a descrever o capitalismo como uma axiomática, constituindo uma lógica representativa dos decalques. De forma semelhante, Christian Laval, em *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*, investiga a lógica neoliberal que permeia a educação mundial. O sociólogo identifica uma articulação complexa entre organismos internacionais e administrações locais; sua análise do quadro mundial da educação serve do caso francês para orientar a análise. Laval se utiliza de uma diversidade de documentos para realizar tal análise, comparando com outros contextos e apontando para uma presença internacional do que o autor chama de *escola neoliberal*. Pretende-se, no seguinte trabalho, mostrar como é possível realizar uma análise de documentos educacionais diversos, traçando sua lógica neoliberal, a partir do conceito de cartografia elaborado por Deleuze e Guattari. As análises dos autores, apesar de serem orientadas por uma perspectiva diferente da de Christian Laval, colocam como programa intelectual a necessidade de uma ruptura com a *doxa*. Os autores, por caminhos diferentes, analisam o capitalismo como uma lógica global. O primeiro capítulo de *Mil platôs* começa com uma pequena introdução da qual se segue seis princípios. Logo no início é apresentada a contraposição que se propaga por todo o texto, entre rizoma e árvore. Depois, aproximando-se do final do texto, os autores relacionam a estes conceitos, respectivamente, o mapa e o decalque, o que é feito na sessão relativa ao quinto e sexto princípios. Nessa sessão, a partir dos matemáticos Pierre Rosentiehl e Jean Petitot, os autores apresentam uma descrição da árvore como sistemas que se hierarquizam em torno de um centro. Segundo os autores, os sistemas arborescentes dominaram a realidade ocidental, sendo assim, é necessário levá-los em consideração. Se uma forte crítica é realizada por Deleuze e Guattari aos sistemas arborescentes, nem por isso eles deixam de apresentar formas e recomendações para estudá-los. Assim, pretende-se mostrar, inspirado no diagnóstico global da educação apresentado por Christian Laval e a partir das reflexões apresentadas sobre o capitalismo por Deleuze e Guattari, como é possível realizar uma cartografia de documentos, evidenciando um princípio axiomático que está no âmago das práticas neoliberais: a *accountability*.

## Documentos educacionais e *accountability*

Em *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*, Laval (2020) investiga um determinado modelo de educação, que passa a se tornar hegemônico a partir dos anos 1980. A construção deste modelo é apresentado como um processo difuso executado nas últimas décadas por variadas instâncias nacionais e internacionais. A constatação da existência de um modelo decorre de um determinado olhar analítico apresentado por Laval pois, segundo o autor, determinadas medidas que

afetam os sistemas escolares poderiam, a princípio, ser vistas como isoladas umas das outras. A relação entre elas é, a depender do recorte adotado pelo pesquisador, pouco visível. Mas, quando analisadas em conjunto, elas adquirem outro significado. Tomando como base documentos sobre educação elaborados por agências internacionais<sup>1</sup>, bem como relatórios governamentais oficiais e artigos especializados, é possível evidenciar a lógica a qual respondem dispositivos e instituições educacionais. O autor revela um “quadro mundial de políticas educacionais”, que opera como o único discurso legítimo sobre a escola, e que teria alcance e potencial de transformação dos sistemas escolares a nível global (LAVAL, 2020, p. 8-19).

Para compreender a totalidade desses fenômenos, Laval mobiliza a noção de fato social total de Marcel Mauss, o que permite posicionar-se contra “certa tendência hiperempíricista”, na qual os pesquisadores realizam “análises empíricas pontuais em campos muito específicos, ou microcampos” (LAVAL, 2020, p. 8). A noção de *fato social total* possibilita o analista atravessar uma série de domínios da vida social aparentemente desconectados para chegar a uma totalidade social<sup>2</sup>. O que possibilita pensar em uma totalidade analítica que dá conta do conjunto de medidas nos sistemas escolares é a categoria de *escola neoliberal*. De certa forma, trata-se de um processo de associação que vai seguindo os fenômenos que atravessam essa categoria. O que é feito através da associação de uma “literatura cinzenta” composta de centenas de relatórios oficiais e artigos especializados, à abundante produção das organizações internacionais, ‘guardiãs da ortodoxia” (LAVAL, 2020, p. 19). A tradição sociológica mobilizada por Laval segue uma orientação teórico-metodológica, apontada primeiramente por Max Weber, que apresenta a pesquisa como um questionamento da “ortodoxia existente em certo momento no campo científico”, a realização de uma “refutação da opinião dominante (*doxa*)” (LAVAL, 2020, p. 8-9).

Nesse ponto há uma convergência entre Laval e Deleuze no que se refere à opinião (*doxa*). Deleuze, desde seus trabalhos iniciais até os da maturidade, sempre foi um crítico da opinião. No primeiro capítulo de *Diferença e repetição* o bom-senso e o senso comum são apresentados como as duas metades da *doxa*; ambas se conjugam para realizar uma distribuição sedentária. No sistema aberto apresentado por este livro a distribuição sedentária realiza o trabalho da representação, contra o qual a lógica paradoxal de Deleuze se insurge, através de uma contraposta distribuição nômade (DELEUZE, 2018, p. 63-64). Em *O que é a filosofia?*, escrito em um momento de maturidade, o problema da opinião reaparece. Mas dessa vez a partir da discussão dos modos de criação próprios à filosofia, à ciência e à arte, a dizer, respectivamente: os conceitos, às funções/proposições e aos afectos/perceptos. A partir de suas respectivas criações, cada uma delas traz algo do caos, rompendo os limites da opinião.

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos de organizações citadas por Laval (2020) são a Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e Comissão Europeia. Em adição a esta lista, destacamos também o papel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e da Cultura (UNESCO) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

<sup>2</sup> A noção de totalidade pode parecer avessa à filosofia de Deleuze e Guattari, mas, no caso da proposta do presente trabalho, pode-se pensar num sentido de mundialização associado a uma pretensão de totalidade.

No modelo hegemônico de educação descrito por Laval, tratado por seus proponentes como expressão pura de um senso comum e um bom-senso educacionais, a escola deve se organizar a partir dos mesmos princípios de uma empresa. A eficiência, definida como uma grandeza mensurável, é o valor que fundamenta o funcionamento da instituição, que deve se orientar para a redução de custos e maximização dos resultados. A avaliação da escola torna-se uma operação indispensável, que permite a reorientação das práticas em função das metas pré-determinadas<sup>3</sup>. A ação pedagógica é traduzida em termos de resultados quantificáveis, e estes são tomados como indicadores da qualidade da instituição. O autor aponta que organismos internacionais, em conjunto com administrações locais, desenvolveram critérios de qualidade padronizados, possibilitando a comparação entre sistemas escolares a nível global (LAVAL, 2020, p. 37, 210).

A temática da eficiência entrelaça-se com a da democratização da escola: qualquer organização que provê serviços à população é supostamente responsável por apresentar resultados, isto é, produzir dados a respeito de seu funcionamento que demonstrem que a aplicação dos recursos recebidos é eficiente (LAVAL, 2020, p. 209-211). Esta noção é sintetizada pelo conceito de *accountability*<sup>4</sup>. Segundo a definição do sociólogo português Almerindo Afonso a *accountability* apresenta três dimensões: avaliação, prestação de contas e responsabilização. O pilar da *avaliação* é entendido como um processo de obtenção, tratamento e análise de informações fundamentadas teórica e metodologicamente, a partir das quais seria possível produzir juízos de valor sobre uma dada realidade social. A *prestação de contas* condensa duas etapas: a de fornecer informações e produzir justificações (ou argumentações) da maneira mais objetiva possível. A dimensão da prestação de contas estaria fundamentada no direito democrático à informação. Por fim, o terceiro pilar estruturante da *accountability* é o da *responsabilização*. Esta dimensão sintetiza mecanismos de imposição, coação ou sanção, que podem ser sanções negativas (ou simplesmente punições) ou o que o autor denomina “formas legítimas de indução de responsabilização”, como atribuição de recompensas materiais ou simbólicas, reconhecimento informal do mérito e assunção autônoma de responsabilidade. Os elementos de responsabilização são aqueles que permitem premiar o bom e punir o mau comportamento. Para o autor, procedimentos que dizem respeito a apenas algumas dimensões da prestação de contas ou da responsabilização podem ser designados como *formas parcelares de accountability*.

O estabelecimento de “fatos autênticos” a partir dos quais as instituições são avaliadas, e a publicização dos dados coletados, são considerados como requisitos para que as instituições se guiem por valores como responsabilidade e transparência, e seriam pressupostos para a participação da sociedade em uma democracia substantiva. Afonso associa a temática da *accountability* a “demandas por maior participação e transparência” em esferas democráticas, mas também considera que a defesa deste

---

<sup>3</sup> Pode-se interpretar a submissão de ações a metas pré-estabelecidas a partir da ideia de *Mil Platôs* (2011) de movimento centrípeto.

<sup>4</sup> Não existe um termo único em português que traduza o conceito de *accountability* (AFONSO, 2010). Por isso, optamos por manter a grafia do termo em inglês.

princípio pode se dar por razões instrumentais ou de controle (AFONSO, 2010, p. 148-152). Laval (2020, p. 253-255), por sua vez, alerta que a descentralização (a transferência de responsabilidades para as diretorias de ensino e para os estabelecimentos escolares no sistema francês) foi defendida como uma medida democrática, capaz de aproximar o cidadão comum das esferas de decisão. Entretanto, esta desconcentração de poder apenas foi tolerada na medida em que os níveis intermediários da administração estivessem comprometidos com o ideal da eficiência econômica. O referencial cartográfico permite analisar estas dinâmicas de centralização/descentralização em dois níveis distintos: as pretensões em submeter os sistemas escolares à lógica neoliberal correspondem a uma análise no nível global; já o impacto dos mecanismos e dispositivos que operam segundo essa lógica nas comunidades escolares<sup>5</sup> e nas subjetividades corresponde a uma análise no nível local.

### O conceito de cartografia em *Mil Platôs*

No primeiro capítulo de *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* os autores apresentam o conceito de cartografia<sup>6</sup>. É possível localizar referências à cartografia como dispositivo aplicado em contexto clínico, na perspectiva da equizoanálise (MIGUEL, 2015; PELBART, 2016). Esse conceito é também é frequentemente utilizado nas ciências humanas como metodologia para pesquisas de campo (ALBUQUERQUE; HENNIGEN; FONSECA, 2018; CORRÊA; BRITO, 2015; KASTRUP, 2007; OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012; PASSOS; BARROS, 2009). Utilizaremos aqui uma interpretação do conceito de cartografia inspirada na leitura do próprio texto de Deleuze e Guattari, para além dos distintos propósitos e perspectivas presentes nestes últimos trabalhos. Pretendemos examinar a possibilidade de investigar documentos educacionais através do conceito de cartografia, utilizando-o como uma ferramenta de análise crítica que não pressupõe um caminho pré-determinado para a investigação, e assim permite estabelecer conexões entre conceitos e mesmo entre diferentes campos do conhecimento.

No primeiro capítulo de *Mil Platôs* os autores apresentam uma repartição<sup>7</sup> – rizoma e árvore – a qual corresponde outra – mapa e decalque. A árvore pressupõe uma “forte unidade principal”, um eixo central (sua raiz) que organiza e ordena as multiplicidades, capturando-as em uma estrutura, em um movimento centrípeto. O rizoma, por outro lado, é um “sistema acentrado não hierárquico”, no qual a

<sup>5</sup> Também é possível mapear as estratégias de resistência a estes mesmos mecanismos.

<sup>6</sup> Fernand Deligny, em seu trabalho de educador com crianças autistas, desenvolve o conceito de mapa entre 1969 e 1970. Os mapas são traçados dos movimentos das crianças, de seu agir. O método cartográfico de Deligny “não se trata de interpretar o comportamento das crianças, mas de identificar/localizar espacialmente [...] os movimentos delas” (MIGUEL, 2015, p. 58). Deleuze e Guattari citam Deligny no primeiro capítulo de *Mil Platôs*; o quinto e o sexto princípios do rizoma foram inspirados em seu conceito de cartografia. Convém destacar que os conceitos de cartografia de Deligny e de *Mil Platôs* são homônimos, porém distintos.

<sup>7</sup> Embora essa divisão pareça apresentar dois modelos em um dualismo, os autores alertam que não é disto que se trata. Servir-se desta formulação é apenas parte de um processo. A partir desta passagem operam-se deslocamentos, movimento que permite por sua vez desfazer todos os dualismos, alcançando assim “um processo que recusa todo modelo”. Portanto, não se trata de dois modelos, mas da árvore como modelo e do rizoma como anti-modelo (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 42)

circulação de estados se dá sem caminhos preferenciais ou pré-determinados. O rizoma pode ser mapeado (ou cartografado): o mapa “é aberto, conectável em todas suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...] [e de] adaptar-se a montagens de qualquer natureza”. Já o decalque implica a lógica da árvore, que é a da reprodução: “a árvore articula e hierarquiza os decalques, que são como as folhas da árvore”. O decalque remete o mapa a um modelo, isolando “o que ele tem a intenção de reproduzir, com a ajuda de [...] procedimentos de coação”, propagando assim redundâncias ao infinito (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 20-21, 29-33, 43).

Os movimentos de centralização e descentralização abordados no primeiro capítulo de *Mil platôs* formam uma dinâmica que continua funcionando o livro inteiro. Como fica claro na conclusão, através da operação da máquina abstrata que arrasta os agenciamentos maquínicos entre dois planos: 1) de organização (relativo aos movimentos de centralização, ou seja, à árvore); 2) de composição (relativo aos movimentos de descentralização, ou seja, ao rizoma) (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 230-246).

No primeiro capítulo os movimentos são apresentados a partir de temas da biologia (a contraposição entre o rizoma com seus bulbos e a árvore com suas raízes). Mas os autores passam por uma diversidade de temas, para enumerar alguns: psicanálise, história natural, linguística, questões de grupos políticos minoritários, filosofia (desde os gregos até os contemporâneos aos autores), ciências (desde a ciência e a matemática grega até os contemporâneos). O livro apresenta um verdadeiro sobrevoo, atravessado por uma lógica rigorosa<sup>8</sup>, através de uma diversidade de temas. O último capítulo do livro se debruça em uma contraposição conceitual que também é interessante para pensar o tema da *accountability*; os conceitos também exprimem movimentos de centralização e descentralização, respectivamente: o estriado e o liso.

O capítulo 14, denominado *O liso e o estriado* por si só é paradigmático do caráter transversal em relação aos temas; os autores vão realizando uma operação de seleção dos materiais empíricos relativos a cada um desses temas a partir do critério de seleção da máquina abstrata responsável por direcionar os fenômenos para o centro (estriamento) ou para o fora (alisamento). A partir da oposição de direito entre os espaços liso e estriado, suas variações e relações (as misturas de fato), os autores discutem os conceitos de liso e estriado passando por diversos modelos, cada um deles marcado também por uma oposição. Os temas pelos quais o capítulo passa são: 1) Modelo tecnológico (têxtil), no qual o tecido é apresentado como um espaço estriado (consiste de dois conjuntos paralelos de fios – um fixo e um móvel – que se cruzam; um dos lados do tecido é delimitado pelo quadro da urdidura; sendo portanto um espaço finito), em oposição ao feltro (um emaranhado de fibras, sem centro, sem lado direito e avesso, que pode aumentar em qualquer direção); 2) Modelo musical, que se serve da distinção desenvolvida por Pierre Boulez entre espaço-tempo liso e espaço-tempo estriado no âmbito musical; neste modelo a diferença

---

<sup>8</sup> Para o comentador David Lapoujade (2015, p.13) a filosofia de Deleuze se apresenta como “uma lógica irracional dos movimentos aberrantes [...] que, em determinadas condições constituem a mais alta potência de existir, enquanto que as lógicas irracionais constituem a mais alta potência de pensar”.

entre o liso e o estriado é sensível; 3) Modelo marítimo, no qual o mar é apresentado como “o espaço liso por excelência” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 198), mas que foi estriado a partir de latitudes e longitudes; no espaço estriado o trajeto é subordinado aos pontos, no espaço liso, inversamente, os pontos são subordinados ao trajeto; 4) Modelo matemático, no qual a oposição se dá entre multiplicidades métricas (extensivas) e não métricas (intensivas); 5) Modelo físico, no qual se desenvolve o conceito físico-social de trabalho, que opera uma estriagem do espaço, enquanto a circulação do capital em um capitalismo mundial integrador recria um espaço liso; 6) Modelo estético, em que se diferenciam o espaço óptico (de visão distanciada) e o espaço háptico (de visão aproximada) (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 191-228).

Deleuze e Guattari apresentam proximidades e distâncias em relação ao liso e ao estriado. Assim como os autores, que a partir da distinção traçada entre o liso e o estriado identificam, em cada exemplo, a proximidade com cada um dos polos abstratos (e a dinâmica de variação destas distâncias), podemos proceder da mesma forma com os documentos, pois estes são fenômenos derivados dos sistemas burocráticos da axiomática capitalista.

### Cartografar os decalques

Nas sessões anteriores argumentamos que diversos documentos educacionais produzidos a partir das últimas décadas do século XX, especialmente aqueles elaborados por Estados e organismos internacionais, operam a partir de um princípio axiomático: a *accountability*. Veremos que as raízes deste conceito já são indicativas que a *accountability* é um princípio que se traduz em uma lógica arborescente.

Para isso recorreremos a um artigo da antropóloga britânica Marilyn Strathern, cujo título é *From improvement to enhancement: an anthropological comment on the audit culture*. Nele, a autora analisa o fenômeno da chamada “audit culture” (“cultura de auditoria”) na Universidade de Cambridge durante a década de 1990; a autora investiga o fenômeno a partir do contexto local, procedimento característico de sua abordagem metodológica. Além disto, a antropóloga afirma também que a cultura de auditoria é um fenômeno de proporções globais.

Para Strathern (1996/7) a auditoria (uma prática contábil) e a avaliação (uma prática característica de instituições acadêmicas) são ferramentas onipresentes da *accountability*. A antropóloga considera que o movimento de influência mútua entre a educação e o mundo comercial que culmina na ideia de *accountability* é um exemplo de replicação cultural. Este conceito pode ser entendido como um movimento circular: começa com a transferência de valores de um domínio da vida cultural até outro; então, com sua forma original alterada, eles retornam ao primeiro domínio. O mundo da educação contribuiu para a constituição da *accountability* com a ideia de mensuração da performance humana, ou seja, com a avaliação (entendida como um exame das habilidades do estudante na forma de um teste escrito, que resulta em

uma nota, ou seja, um sumário numérico do rendimento). Já o mundo dos negócios contribuiu com a ideia de auditoria e de balanços contábeis como instrumentos de mensuração da eficiência de uma empresa. A *accountability* nas universidades é resultado da transferência de valores típicos das instituições acadêmicas para as empresas; após a incorporação e transformação destes valores, são as empresas que passam a influenciar o mundo da educação.

Considerando que o fenômeno da *accountability* surgiu da influência entre os mundos do comércio e da educação (STRATHERN, 1996/7, p. 4), e tendo em vista que os procedimentos característicos do comércio envolvem práticas contábeis, enquanto os da educação formal envolvem práticas burocráticas, pode-se relacionar o fenômeno com aquilo que Deleuze e Guattari chamam de decalques. Segundo os franceses a contabilidade e a burocracia operam por decalques (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 33). Da mesma forma pode-se aplicar esse conceito às operações dos documentos educacionais oficiais<sup>9</sup>. A política de *accountability* implementada pelos Estados, em conformidade com as recomendações produzidas por organizações transnacionais, pode ser compreendida como uma unidade central que institui um modelo para os sistemas escolares, isolando os aspectos a serem reproduzidos e articulando as ações que conduzem a esta finalidade; a *accountability* tem, portanto, as características da árvore. Os mecanismos de avaliação e gestão educacional definidos por este paradigma “enraízam unificações e totalizações, massificações, mecanismos miméticos”. Podemos pensar que os documentos operam como decalques, pois reproduzem “algo se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30-31).

Para Deleuze e Guattari “é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa” e “esta é uma questão de método”. O rizoma e o mapa têm múltiplas entradas; sendo assim pode-se “entrar nelas pelo caminho dos decalques” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31-33). Realizar uma cartografia de documentos educacionais é possível ao projetarmos seus decalques sobre um mapa, ou seja, ao percorrer seus mecanismos de organização, estruturação, reprodução e impasses, tornar visíveis redundâncias e rupturas, estabelecendo novas conexões. Pode-se utilizar o referencial cartográfico para evidenciar as pretensões dos documentos de constituírem processos arborescentes assim como seu processo de espalhamento. Se por um lado a lógica neoliberal articula as multiplicidades escolares em torno da unidade de seu modelo, por outro lado essa lógica opera uma flexibilização (quando comparada à burocracia e ao taylorismo<sup>10</sup>) em nome da proliferação de suas práticas. Esta dinâmica, por exemplo, pode ser pensada em termos de estriamento e alisamento. Além disso, a partir do referencial cartográfico é possível evidenciar linhas de fuga, ou seja, apontar rupturas na lógica estratificada da que permeia o documento. Pode-se dizer que isso implica uma constituição de um mapa pelo pesquisador a partir dos decalques, evidenciando os agenciamentos do documento que oscilam entre movimentos centrípetos e centrífugos.

<sup>9</sup> Documentos não oficiais (como artigos, relatórios de pesquisa ou mesmo entrevistas com autoridades encarregadas da gestão educacional) também podem ser incluídos na análise que se segue.

<sup>10</sup> Esta transformação no funcionamento das instituições escolares e universitárias no final do século XX é discutida por Laval (2020) no primeiro capítulo de *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*.



Tornar visíveis os mecanismos de redundância e as rupturas dos documentos é um exercício de “produzir hastes e filamentos [...] que se conectam com elas [as raízes] penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34).

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo. Um olhar sociológico em torno da accountability em educação. In: Esteban, Maria Teresa; Afonso, Almerindo (Orgs.). *Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação*. São Paulo: Cortez, p. 147-170, 2010.

ALBUQUERQUE, Alana; HENNIGEN, Inês; FONSECA, Tania. Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, e174086, 2018.

CORRÊA, Edilena; BRITO, Maria. Experimentações rizomáticas no currículo de ciências: pelas vias da diferença. *Linha Mestra*, v. 27, p. 79-81, 2015.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol 5. 2 ed. São Paulo: Editora 24, 2012.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, v. 19(1), p. 15-22, 2007.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os Movimentos Aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Trad. Mariana Echalar. 2 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2020.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, v. 8, n. 1, p. 55-71, 2015.

OLIVEIRA, Thiago; PARAÍSO, Marlucy. Mapas, dança, desenhos e a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-posições*, v. 23, p. 159-178, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Lílina. (Org.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2009.

PELBART, Peter. Linhas erráticas. In: *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento*. 2 ed. São Paulo, n-1 edições, p. 299-333, 2016.

STRATHERN, Marilyn. From improvement to enhancement: an anthropological comment on the audit culture. In: *The Cambridge Journal of Anthropology*, n. 3, v. 19, p. 1-21, 1996/7.

*Recebido em: 31 de março de 2021.  
Aprovado em: 25 de maio de 2021.*